



Geopolítica energética: Guerra e economia

Sinclair Mallet Guy Guerra¹

Resumo

Estabelecer conexões e articulações que levem a entender a geopolítica energética em um contexto que não seja a análise formal das relações de política externa. Analisar esta como o desdobrar de profundas necessidades materiais da sociedade. Porém, o entendimento dessa materialidade depende da totalidade das determinações econômicas, políticas e geopolíticas. Somente tendo isto evidenciado é que se entenderá que a mercadoria energética é a base das necessidades crescentes do capital.

Palavras-chave: Totalidade, Dialética, Reprodução do capital.

Geopolítica energética: Guerra y economía

Resumen

Establecer conexiones y articulaciones que lleven a entender la geopolítica energética en un contexto que no sea el análisis formal de las relaciones de política externa. Observar como el desdoblar de profundas necesidades materiales de la sociedad. Todavía el entendimiento de esa materialidad depende de la totalidad de las determinaciones económicas, políticas y geopolíticas. Solamente con eso en evidencia es que se podrá entender que la mercancía energética es la base de las necesidades crecientes del capital.

Palabras-clave: Totalidad, Dialéctica, Reproducción del capital.

Energy Geopolitics: War and economy

Abstract

Establish connections and joints leading to understand energy geopolitics in a context other than the formal analysis of foreign policy relations. Analyze this as the unfolding of deep material needs of society. However, the understanding of this materiality depends on the totality of economic, political, and geopolitical mandates. Only with this evident is that if you understand that energy is the basic commodity of growing capital needs.

Keywords: Totality, Dialectic, Reproduction of capital.

¹ Livre docente pela Unicamp em 2004, doutor em Economia da Energia pela Université Paris III (1986), mestre em Economia de Empresas pela FGV (1981), graduado em Economia pela Universidade de Marília (1966). Pós-doutor pela Université Laval, no Québec/CA (1992/93) e no CRBC em Paris/FR (2001). É pesquisador PQ/CNPq 2. Parecerista ad-hoc do CNPq e da Fapesp.

1. Introdução

Começemos por uma metáfora. Boa parte da II Grande Guerra Mundial, no tocante ao contorno das disputas e batalhas, garantia de vitórias decisivas, intendência militar – que é a necessidade de suprimentos para os exércitos – assim como em todas as guerras modernas e de mobilidade, a posse de combustíveis é fundamental. Os rumos geopolíticos decisivos da II Grande Guerra, que acabaram se tornando rumos decisivos para o mundo pós-guerra, foram decididos pela necessidade de matérias-primas e recursos energéticos e, evidentemente, pelo principal: o petróleo. Na atualidade a explícita necessidade econômica dos países desenvolvidos – em especial um deles, EUA – é a própria justificativa da guerra.

Sabe-se que a metáfora é uma figura de linguagem que transpõe um sentido atribuído de um conceito para outro, portanto, domínio próprio do literário. É uma espécie de comparação. Aqui se transpôs o rumo da II Guerra em que foi definitivo o petróleo, para a guerra que é feita, hoje, diretamente pelo petróleo. Vamos especificar melhor para deixar esse reino de figuras e mostrar um pouco mais os necessários contornos históricos e socioeconômicos da situação que é, para nós, o decisivo. É somente dentro desses parâmetros que podemos entender as especificidades, determinações e mediações das situações e que nos podem fazer tirar conclusões e, mais importante, tomar posicionamento.

A guerra de 1914 a 1918 foi a primeira na qual o petróleo tornou-se fonte de energia decisiva para os combates. As embarcações de guerra, por exemplo, eram muito mais eficientes com o uso do óleo derivado de petróleo. Não só pelo fato de que essas embarcações teriam maior capacidade efetiva de guerra – carregar maior quantidade de armas no lugar onde antes iria o carvão – mas também porque o motor era mais eficiente e oferecia maior capacidade de manobra. Churchill, por exemplo, apostava nisso. A própria mecanização das áreas de combate² na I Guerra, a guerra tecnológica e industrial, exigia isso o que é, sobretudo verdade no caso da II Guerra. É aqui que várias coisas se revelam e podem nos fornecer contornos decisivos para entender o mundo de hoje. Se a I Guerra foi um divisor de águas para o movimento operário internacional³ a II Guerra foi um divisor de águas econômico muito maior que o de sua antecessora.

² A guerra não se torna apenas um “negócio” que garante a reprodução do capital por meio do complexo industrial-militar (especialmente após a II Guerra) como esse fato encontra expressão materializada nas áreas de combate que passam a funcionar em um ritmo industrial: uma guerra passa a ser administrada.

³ Aqui é jogado o aspecto decisivo do internacionalismo dos trabalhadores. Pensa-se no caso do maior partido socialista da época, o socialdemocrata alemão, que votou os créditos da guerra. Em termos estritamente conceituais, isso se coadunava com o panorama do marxismo da II Internacional que vinha se desenvolvendo. Em termos ideológicos também. Mas aqui esse rasgo decisivo não se liga só ao que vinha do passado, mas também ao que se abriu para o futuro: essa opção dos trabalhadores alemães iria ampliar o aspecto execrável da

Em que sentido, então, a II Guerra se revela como divisor de águas e o que se revela neste conflito mundial? O fato da II Guerra ser um divisor de águas já está imbricado no que esta guerra revela: o desenvolvimento econômico como sustentáculo, como base da possível vitória da guerra. Em outros termos, mas não de forma absoluta, o potencial industrial de um país seria fundamental para que este coloque rumos decisivos a seu favor em uma guerra.⁴ Porém, esse desenvolvimento econômico requer o fornecimento energético. Por isso as necessidades japonesas e alemãs, durante a guerra, de buscar reservas de petróleo. Tanto um país como o outro necessitavam do petróleo para continuar o confronto tanto no campo das operações de guerra quanto da economia.

2. Novo mapa pós-guerra: a energia.

Após a guerra seria traçado um mapa com base na energia e, neste caso especial, com o petróleo na raiz da geopolítica. As estratégias e táticas militares estavam subordinadas a isso: a *blitzkrieg* alemã nada mais foi do que a forma adequada e eficiente de se estabelecer combate e obter vitórias antes de faltar recursos. Portanto tinha que ser uma guerra rápida, “relâmpago” como diz o próprio nome. Pode-se dizer que a intendência militar teve que se subordinar a uma rigorosa “administração de guerra”, ou seja, fazer a guerra na era industrial e do capital é tentar fazer funcionar um negócio de grandes proporções. Além do abastecimento das tropas e dos contingentes militares que se espalham por milhares de quilômetros ainda é necessário fazer com que a economia do próprio país continue funcionando⁵. E isso é fundamental: a guerra industrial requer quantidades enormes de armamentos e para isso a indústria deve funcionar em toda a carga e também aí não pode faltar energia. Vê-se com clareza como acaba se transformando num “círculo vicioso” o raciocínio sobre esse fato. Usando, porém, uma terminologia correta para a análise intelectual, trata-se do raciocínio dialético que requer de quem pensa a realidade seguir ao máximo possível todas as suas determinações. Ao fazer isso, requer que se vá percebendo o desdobrar dos fatos na sua própria imanência ou, numa linguagem menos filosófica, desdobrar os fatos como processo.

Vê-se que o fazer a guerra requer a energia que manterá as tropas em ação e o funcionamento da economia por trás delas. Ao se buscar essa determinação sobre o fazer a

ideologia do irracionalismo que só se desenvolveu desde então nas formas mais perniciosas e mesquinhas possíveis.

⁴ Nunca se deve esquecer o conteúdo de classes (especialmente industrial e burguês) de uma guerra e que está presente por baixo de todo o nacionalismo. Isso apenas se modifica nas guerras de libertação nacional que têm outros delineamentos históricos. Não é o caso das duas guerras mundiais e das grandes guerras travadas pelas potências europeias para a formação dos Estados Nacionais.

⁵ Lembrar-se da matriz de insumo-produto (*input-output*) de Wassily Leontief, economista soviético naturalizado norte-americano.

guerra se busca a determinação básica, a “determinação determinante”⁶ que explica outras determinações em um desdobrar contínuo. Assim, entender porque a Alemanha de Hitler avançou rumo ao leste é explicado devido a necessidade de se chegar aos campos de petróleo da ex-URSS e proteger seu maior fornecedor de petróleo bruto da época, a Romênia. Entender isso também é entender os contornos da Guerra do Pacífico: o Japão precisava do petróleo do sul e sudeste da Ásia. Isso faria o país entrar em choque com interesses britânicos e os EUA teriam que se posicionar diante disso.

Também a posição dos EUA é importante já que este país era, antes da II Guerra e durante o conflito, o maior fornecedor de petróleo do mundo. A região rica do Golfo abastecia tanto a economia dos Estados Unidos como passou a ser importante para o abastecimento das tropas em guerra na Europa e norte da África. Por isso o Atlântico se transformou em grande palco de manobras de guerra. Os submarinos alemães bombardeavam ferozmente navios de carga incluindo, claro, os de petróleo. Isso mostra novamente não apenas a necessidade dessa mercadoria, mas o fundamento da guerra moderna com seu caráter industrial. Como dito anteriormente, trata-se de administrar um gigantesco negócio e fazê-lo requer a produção de armas e a necessidade de recursos, especialmente energéticos.

A metáfora feita inicialmente acaba por se revelar uma verdade histórica. A figura de linguagem muito usada na poesia cai para seu sentido tão somente mundano e muito comezinho. A II Guerra teve parte de seus rumos traçados pela necessidade do petróleo como fonte energética e hoje se faz a guerra para garantir esse petróleo. Mas, do que foi destacado anteriormente tem-se um elemento que fecha o “círculo vicioso” do raciocínio que andou em torno de si. Fecha também a metáfora fazendo-a cair no mundo terreno. Se todo o exposto anteriormente rodou em círculos, mas foi de fácil compreensão formando, na verdade, um grande panorama, um delinear dos traços do mundo atual, como as grandes pinceladas de uma tela, tudo isso ocorreu pelo elemento implícito em nossos raciocínios: trata-se do elemento econômico, da lógica econômica como totalidade determinante do mundo político e estratégico. Mais específico ainda: é a lógica do capital. A guerra – que nada mais é do que uma das formas das relações internacionais (lembrar Clausewitz⁷) – não é um fato histórico que conduz por si só a história, não é transcendente. Ela é parte da história e determinada pelo

⁶ Dentro do contexto filosófico de análise social, Lukács, marxista e filósofo húngaro, chamaria isto de *momento predominante*.

⁷ Ver todo o item “A guerra é um instrumento da política” do livro *Da Guerra* de Clausewitz (edição brasileira da Martins Fontes e UnB, São Paulo, 1979, 1ª ed., p. 737 ss.). “(...) a guerra é apenas uma parte das relações políticas e, por conseguinte, de modo algum qualquer coisa independente.” (p. 737) “(...) a guerra nada mais é senão a continuação das relações políticas, com o complemento de outros meios.” (p. 737) “Por conseguinte, uma vez mais: a guerra é um instrumento da política; ela traz necessariamente a marca desta política; ela deve avaliar tudo à imagem da política.” (p. 743)

conjunto dessa dentro dos padrões de acumulação e reprodução de uma época. A economia faz a guerra e não o contrário.

3. Uma tríade dialética

Insistiu-se anteriormente sobre a questão do raciocínio dialético. Mas o raciocinar dialético não é apenas compreender os processos e a imanência dos mesmos. É compreender as contradições, as múltiplas determinações e os elementos que compõem as determinações, mediações e que vão formar as contradições. Isso implica necessariamente deixar a reflexão conceitual – porém necessária quando se quer entender os processos históricos – e elaborar, junto com esta, a reflexão do real. Nos traços gerais que foram definidos anteriormente é possível perceber o que vamos chamar de “uma tríade dialética” ou, melhor, a tríade dialética que estrutura a história do século XX e de sua economia onde um e outro – história e economia – se confundem.

Antes de se avançar são necessárias algumas palavras sobre a questão da *totalidade* como categoria central de análise de todos os processos históricos e econômicos. Tomar a totalidade como centro da reflexão teórica não é colocar no real aquilo que não lhe pertence. Em outros termos, não é fazer brotar da consciência o pensamento que irá nortear o real. Neste caso é que está o pensamento “enciclopédico”. É conhecimento informativo que se acumula na consciência, mas que não tem “vida”. O que isso significa? Que se trata de uma série de fatos justapostos, mas que não conseguem ligar-se entre si para entender os mecanismos processuais da realidade. O conhecimento “enciclopédico” acaba por colocar no real aquilo que está na consciência como quantidade e não percepção de momentos de *ruptura* do real na transformação dos processos. Isso ficará claro adiante. Mas podemos exemplificar e adiantar que o funcionamento em termos estritamente microeconômicos de uma empresa de petróleo só pode ocorrer se esta estiver submetida à uma série de processos que vão além do nível da empresa e que dão um salto qualitativo na compreensão do real. É a *ruptura* da quantidade em qualidade.

É isso que significa tomar a totalidade como forma de análise. É tomar o real como ele se processa. A totalidade é a categoria da realidade. A realidade só pode se manifestar diante de nós e de cada um de nossos cérebros como totalidade. Cada momento da realidade que ocorre à nossa volta não pode ser explicado se não a partir de uma coisa que leva à outra e assim sucessivamente. Dessa maneira se estaria aproximando de uma infundável cadeia de fatos explicativos e ficando muito próximo do pensar “enciclopédico” que acredita justamente que entender o real é entender todos esses fatos. Esse é justamente o raciocínio lógico que é um jogo do cérebro e não da realidade. O jogo da realidade é dialético. Isso implica que dentro daquela cadeia causal um conduz ao outro e assim sucessivamente, alguns momentos

devem ser *mais importantes* do que outros. Aqui se começa a entender que totalidade não é uma “noite escura onde todos os gatos são pardos”. A totalidade é composta de momentos precisos e mais importantes na sua estruturação. São as *determinações*. E a conexão entre essas determinações – as *mediações* – é que formam a totalidade. Onde que todo esse raciocínio entra na questão energética? Em tudo. Se não entendermos assim ficará muito difícil entender como os elos e articulações (determinações) de uma fonte energética – o petróleo – comandam boa parte dos rumos mundiais. Ficarà difícil entender pois não se percebe que falar de petróleo como determinante é um fetiche como falar do dinheiro como fonte dos males do homem. O determinante não é o petróleo. O determinante é o capital e sua reprodução.

Assim, se delinearão abaixo as formas mais importantes dessa totalidade do capital atual e a fonte energética do petróleo. Insiste-se que essa totalidade possui momentos mais importantes – *totalidade determinada* –, que deverão especificar quais são essas determinações fundamentais. É isso que se chamará “tríade dialética”: são as três determinações mais importantes nesse processo geopolítico e econômico da energia.

As operações de produção de energia – qualquer fonte de energia – exigem altíssimos investimentos. Trata-se de um processo de múltiplos e interessantes aspectos não só econômicos, mas também culturais. Mas esse “cultural” não é algo produzido pelo desejo de mentes singulares em consumir dado tipo de energia⁸. É um “cultural” formado pelas necessidades e determinações dos elementos econômicos que estão operando, lucrando e reproduzindo o seu capital. É o ganho empresarial que está em jogo. A questão empresarial é o primeiro elemento dentro desse contexto que se quer abordar constituindo a determinação inicial.

Neste preciso momento, então, de determinação da totalidade tem-se o elemento empresarial como momento operante dentro da normatividade econômica. Neste caso pretende-se dizer, portanto, que a produção energética constitui um momento fundamental para a reprodução do capital uma vez que permite a possibilidade *física* de reprodução do sistema. Tem-se, em primeiro lugar, que ter a possibilidade de extração da energia da natureza, do ambiente físico. Seja petróleo, carvão, gás, hidrelétrica, qualquer fonte, transformá-las em energia útil para ser consumida.

⁸ Estamos insistindo neste ponto, pois é comum vermos em cursos de energia a referência ao elemento “cultural” como algo transcendente. Fala-se, por exemplo, da “cultura da eletricidade” no Brasil sem mostrar seu processo de formação e dos múltiplos interesses econômicos envolvidos nesse processo. Dessa maneira acaba-se colocando o “cultural” como uma explicação sem explicação. É como Deus nas teologias medievais que é a causa sem causa.

Feita esta primeira parte passa-se à segunda, que é a distribuição. Somente após todos esses mecanismos estabelecidos é que se terá o consumo. Porém, quando se chega a este momento final é que se pode perceber que os investimentos feitos foram muito grandes, realmente imensos. Dessa maneira a produção e a distribuição energética em larga escala somente podem ser realizada por empresas gigantescas, verdadeiros monopólios⁹ no setor. Seus investimentos iniciais devem ser garantidos na forma do lucro futuro, do contrário, não há possibilidade do risco. Mas como criar o mercado consumidor? Pense-se no caso da energia elétrica, desnecessária no século XIX e hoje imprescindível. A formação do mercado ocorria de forma concomitante à garantia de monopólio. Isto significa que o mercado consumidor era formado na mesma medida em que aquele era garantido pela luta intraclasses. Era a partir dessa luta que se formava o monopólio.

Dentro das condições estritas de mercado, a possibilidade de se produzir e distribuir energia depende, portanto, de investimentos vultosos e da garantia de retorno futuro. Mas *futuro* significa contar com uma instância da sociabilidade com a qual o capital não se coaduna muito. Especialmente o grande capital. É claro que esse grande capital tem todas as condições de obter o retorno, pois investimentos maciços demoram a ser ressarcidos. Só que *deve ter a certeza* desse mesmo retorno. É nesse ponto que o *futuro* é um elemento muito incerto para o grande capital. Aqui termina o reino da normatividade e da harmonia maravilhosa do microeconômico. O “melhor dos mundos possíveis” termina quando se depara com a *necessidade* de se garantir o futuro. E este só se pode garantir através da *força* e do *poder*. Tem-se, então, que deixar esse reino de determinações e passar para as outras determinações da totalidade da produção de energia e da possibilidade de reprodução do capital.

4. O sistema mundial de energia.

Muitas coisas mudaram após a II Guerra Mundial. A atual e maior economia do planeta era, até esta data, fornecedora de petróleo para o mundo. Após 1945, o intenso crescimento da economia norte-americana fez com que esta se tornasse grande consumidora de energia, especialmente petróleo. Parte desse grande consumo vem de sua enorme frota de veículos. E essa frota de veículos gigante significa parte da reprodução total do capital, parte da reprodução do sistema. A outra parte do consumo energético vem da economia como um todo. Nos dois casos, isso garantiu a prosperidade econômica do país durante os anos dourados do pós-guerra. Garantiu o seu *american way of life* criando um modelo de consumo, de mundo das coisas, que penetrou no mundo ocidental como a cultura dominante e

⁹ Aplica-se, até mesmo, a expressão “monopólio natural” a tais conformações.

ambicionada por todas as classes no mundo. Só alcançadas, no entanto, por algumas frações da população nos vários e vastos rincões do planeta.

Não apenas os Estados Unidos, mas todos os países desenvolvidos dependem ainda hoje do consumo de energia que não é produzido em seu próprio território. No caso norte-americano o consumo do petróleo exterior excede hoje os 50% e deve chegar até 2020 a 75%¹⁰. Para o grande capital não existem barreiras políticas que não possam ser superadas. A reprodução do capital já é desde fins do século XIX um fenômeno mundial com advento do imperialismo¹¹. É justamente aqui que aparecem as duas outras determinações da totalidade do capital. A necessidade energética de espaços geográficos exteriores significa que, não apenas o econômico na forma da harmonia maravilhosa da microeconomia estará atuando, mas também os elementos políticos do Estado e da sua ação política exterior (geopolítica). O significado disso está muito claro no que foi dito anteriormente: o *futuro* do capital depende da ação do Estado e não mais apenas do reino normativo da economia.

O final do século XIX já havia anunciado através do imperialismo a íntima simbiose entre grande capital e Estado. Com a energia isso não seria diferente, ainda mais com os Estados Unidos assumindo a frente da economia mundial durante o século XX. A economia desse país desenvolveu-se amparada na matriz energética do petróleo. Suas necessidades cresceram após a II Guerra, como afirmado. A busca de jazidas exteriores de energia seria evidente.

Aqui entra a segunda determinação. Ao buscar petróleo no exterior não se tinha apenas a necessidade de reprodução das empresas de prospecção, refino, transporte e distribuição de petróleo em jogo. Tinha-se em jogo *a economia do país como um todo*. Garantir após a guerra as jazidas e fornecimentos exteriores seria garantir o desenvolvimento econômico como um todo. Tratava-se da *prosperidade da nação*. Deixava de ser um assunto que interfere apenas na indústria de energia e – no caso da matriz energética norte-americana – da indústria de petróleo em especial. Tornava-se um problema da nação.

É justamente neste ponto que esta determinação, a totalidade da reprodução do capital e da economia, acaba por levar à terceira tríade: a garantia externa, geopolítica, dessas fontes. Em outros termos, pode-se dizer que o sistema mundial de energia ampara-se não apenas em pesquisas de fontes, transporte e consumo, mas também no uso da *força* e do *poder* em escala internacional. O sistema energético mundial é a forma pela qual o capital se reproduz também em escala mundial, mas que não está submetido às determinações empresariais e sim às

¹⁰ Ver o artigo de Cheney na bibliografia.

¹¹ Lênin menciona a indústria de eletricidade em seu livro sobre o Imperialismo.

determinações do todo e inclusive da geopolítica. Ao vigor da fórmula de Clausewitz soma-se a determinação econômica.

5. A geopolítica da energia

A totalidade da economia e sua reprodução é a grande necessidade da busca das fontes externas de energia, uma vez que não é possível manter o padrão elevado de acumulação de capital pelas economias centrais com as fontes internas. Deve-se pensar em toda a sociedade e seu padrão de consumo e bem-estar que estão em jogo. Mas já que é inevitável a busca externa de fontes de energia, também é inevitável a íntima conexão, nesta última determinação, da política interna com a ação externa.

Este momento da totalidade é preciso, pois a ação do Estado Nacional através de sua organização externa (política externa) será consequência das decisões internas entre formas da reprodução econômica e escolhas políticas. Trata-se de pensar que os grandes interesses corporativos de capital concentrado e centralizado estão profundamente preocupados com seu padrão de acumulação e reprodução. Interesses profundamente cientes que a manutenção desse acúmulo e reprodução estão ligados à manutenção do padrão de consumo da sociedade como um todo. Por isso, mesmo que não se explicita a questão, o problema energético estará presente, pois consumo ampliado e manutenção da reprodução significam maiores consumos de energia. Portanto, quando a matriz dos Estados Unidos e do mundo desenvolvido se ampara no petróleo, significa a necessidade de saber o que será feito na política interna para garantir o fluxo externo e continuado de energia, a questão do *futuro* colocada anteriormente.

Os interesses corporativos, então, influirão nos rumos políticos internos através de suas formas específicas de ação política: congregar forças em torno de uma elite dirigente que represente seus interesses de classe. As corporações agirão no sentido de levar ao poder de Estado aquele grupo político que produz uma teoria política, uma teoria de ação do Estado que se coadune com essa reprodução do sistema econômico em sua totalidade e no sentido de seus interesses. Uma vez no poder, essa elite dirigente tomará as decisões que tanto interessam às classes produtivas¹². No caso específico da energia essas decisões são praticamente sem escolhas. Melhor dizendo, dentro do atual padrão de reprodução e acumulação do capital e para evitar colapsos do sistema, as *possibilidades de escolha* são limitadas: buscar a garantia das fontes externas.

¹² As questões políticas analisadas neste nível estão próximas do econômico em um outro sentido também: muitos dos representantes empresariais são, ao mesmo tempo, representantes políticos. Veja o que se dá hoje nos EUA onde a cúpula dirigente está toda ligada às empresas de energia. Curiosamente isso põe de uma forma até simbólica aquilo que é profundamente real: o materialismo histórico onde a produção é o momento central das outras determinações sociais.

Não existem alternativas? Alertou-se para isso ao se dizer que essa busca externa é dentro do atual padrão acumulativo. Buscam-se alternativas¹³ e investem-se grandes quantias de capital em pesquisas neste sentido. No entanto, essas pesquisas são questões *futuras* dentro da economia. Deve-se pensar que o sistema produtivo só vai poder usar essas formas no *futuro* se o presente estiver garantido¹⁴. Entretanto no presente as fontes são ainda a matriz fóssil e, até prova em contrário, deverão continuar abastecendo o sistema até que a *alternativa futura* não se revele. Dentro do jogo das possibilidades de escolha atuais, não existe solução senão abastecer o consumo presente através das fontes externas. Nesse ponto é que a elite dirigente representante dos interesses de classe do capital vai elaborar formas de ação externa, vão formular sua geopolítica. E dessa maneira é que a terceira determinação se fecha dando à totalidade esse caráter de ação geopolítica de um Estado sobre outro, mas onde o jogo de determinações é bastante complexo.

A atualidade norte-americana é a expressão viva de todas essas determinações. A “luta contra o terrorismo” ou o conceito de “guerra preventiva” só podem ser entendidos dentro dessa análise da totalidade dos processos de reprodução do capital. Não se trata de reprodução do capital apenas em alguns de seus setores econômicos ou corporações. Trata-se da possibilidade física da reprodução uma vez que está em jogo a continuidade do capital da maior economia do mundo e do padrão de vida da maior sociedade de consumo do planeta. Por isso o enorme apoio conseguido pelo atual governante junto à população. Não é apenas e tão somente um discurso ideológico extremamente forte que mistifica a cabeça e as ideias da população. Mesmo que o “grau de popularidade” – fórmula mercantil incorporada no domínio político pelo malfadado *marketing político* – do atual presidente dos EUA venha a cair mais ainda isso jamais alterará a necessidade do suprimento energético. Pode-se questionar o

¹³ Os autores deste texto sustentam que as alternativas são hoje muito mais uma forma de ideologia e até mistificação (ideologia irracional) do que algo real ou ao menos uma possibilidade que se possa dar como concreta. Nenhuma novidade neste fato, pois afinal, desde a consolidação do capitalismo industrial em meados do século XIX a tecnologia vem se colocando em nível muito mais ideológico do que real. Fala-se muito mais sobre tecnologia do que se investe (v. Bernal *Ciencia e Industria em el Siglo XIX.*). Não que estes não ocorram, porém em ritmo muito mais lento do que se poderia esperar. Esse fato apenas serve para mostrar a precisão de Marx ao dizer que as relações de produção do capital acabam impedindo o desenvolvimento das forças produtivas.

No que se refere à especificidade deste texto e à questão de alternativas energéticas como forma ideológica no mesmo sentido do mito da tecnologia veja a seguinte nota da *Folha de São Paulo*, 7 de fevereiro de 2004: “O plano do presidente G. W. Bush para carros movidos a células de combustível alimentadas por hidrogênio, sem gerar poluição ou agravar o processo de aquecimento global, está a décadas de ser uma realidade comercial, segundo um relatório da Academia Nacional de Ciências dos EUA. Na segunda-feira, o Departamento de Energia incluiu US\$ 318 milhões para pesquisa em células de combustível e produção de hidrogênio no orçamento de 2005. O governo espera produção maciça de carros a hidrogênio para 2020. Mas o estudo diz que as metas são ‘irrealistas’.”

Compare-se, de qualquer modo, tendo presente o que se afirmou neste texto, os parcos US\$ 318 milhões – imenso para um orçamento como o brasileiro – com os gastos vultosos de mais de US\$ 300 bilhões da área militar nos EUA.

¹⁴ Lembrando Keynes ao se referir às perspectivas de prazo na economia, “no futuro todos estaremos mortos”.

partido no poder, os meios para se alcançar o poder ou qualquer outra coisa que se queira, mas nunca os fundamentos materiais da sociedade e seu meio de existir e se reproduzir. O 11 de setembro foi fundamental para a elite dominante nos EUA. A população que apoia em sua maioria as decisões tomadas sente de forma inconsciente – ironizando dir-se-ia, *instintiva* – o poder que a energia vinda do exterior lhe confere: continuar consumindo. Isso nos dá precisamente o caráter formulado por Lukács no epílogo de *O Assalto à Razão*: trata-se de “fascismo de mercado”.

6. Conclusão

Percebe-se, então, que a “determinação determinante” é a análise da *totalidade*, porém sempre tendo em conta as determinações precisas, articulações e mediações, caso contrário temos um *todo* que *nada* explica, por mais paradoxal que possa ser. Dentro dessa totalidade o momento mais importante é o da produção, a troca orgânica da sociedade com a natureza¹⁵. A produção é um dos constituintes da complexidade econômica de qualquer formação social. Porém, é mais do que qualquer elemento, é o elemento central, o momento de base. Para que esta se realize é necessário o fornecimento de matérias-primas e de recursos energéticos. Nesta produção é que se assenta toda a economia nacional e toda a reprodução do sistema. Visto, no entanto, que nem sempre as fontes energéticas ou de matérias-primas estão disponíveis para o consumo dentro de um dado espaço geográfico – país, no caso – é necessário recorrer à importação desse recurso. Novos níveis da análise da totalidade se colocam. Surgem os problemas referentes às relações internacionais, as relações entre Estados Nacionais um a vez que o traçado geográfico de um país não “obedeceu” às suas necessidades e à distribuição natural dos recursos. O último momento da totalidade se coloca na forma de complexos industriais que estão encastelados nas duas determinações acima, precisam das duas para existir e se arvoram para extrair o seu lucro e reproduzir o seu capital: os complexos industriais tanto militares, quanto energéticos. Neste último caso ainda há a fusão de interesses econômicos internos com as formas da política o que dará as diretrizes da política externa¹⁶. A correta compreensão dessas determinações e a análise de seu funcionamento ajudam a compreender a totalidade do capital atual.

Bibliografia

¹⁵ Ponto central do *materialismo histórico* de Marx e Engels.

¹⁶ Apesar de óbvio, mas que não custa lembrar, a política externa de um país é tanto mais importante no contexto internacional quanto maior é a economia deste país e maior consumidor de recursos naturais é o mesmo.

- BEAUD, Michel. *História do Capitalismo de 1500 aos Nossos Dias*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1987.
- BERNAL, John D. *Ciencia e Industria em el Siglo XIX*. Edições Martinez Roca, Barcelona, 1973, 1ª ed.
- BOURGUIGNON, André. *História Natural do Homem – 1. O Homem Imprevisto*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990
- BUKHARIN, Nikolai. *A Economia Mundial e o Imperialismo - Esboço Econômico*. Abril Cultural, São Paulo, 1984, col. "Os Economistas"
- CHENEY, Richard. "La nueva estrategia energética de EE.UU." Discurso do vice-presidente dos EUA ante a Reunião Anual da *Associate Press*, Toronto, Canadá, segunda-feira, 30 de abril de 2001.
- CHESNAIS, François e SERFATI, Claude. "‘Ecologia’ e condições físicas de reprodução social: alguns fios condutores marxistas". *Crítica Marxista*, n° 16, março de 2003, pp. 39-75.
- DOBB, Maurice. *O Crescimento Econômico*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1965.
- _____ *A Evolução do Capitalismo*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981, 8ª ed.
- DOTI, M. M. e GUERRA, S. M. G. *Capitalismo e Irracionalismo: Esboços do desenvolvimento de uma ideologia do capital*, ed. Novos Rumos, ano 20, no. 44, 2005 (ISSN 0102 –5864), São Paulo, SP.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Império*. Record, São Paulo/Rio de Janeiro, 2001, 2ª ed.
- HÉMERY, Daniel, DEBIER, Jean-Claude, DELÁGE, Jean-Paul. *Uma História da Energia*. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1993
- HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1969, 5ª ed.
- ILLICH, Ivan. *Energia e Equidade*. Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1975, 1ª ed., col. "Cadernos Livres", n° 7.
- KENNEDY, Paul. *Preparando para o Século XXI*. Editora Campus, Rio de Janeiro, 1993.
- LÊNIN, V. I. *El Imperialismo, Fase Superior del Capitalismo*. Editorial Progreso, Moscou, 1981

MANNERS, Gerald. *Geografia da Energia*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1976.

MILLS, C. Wright. *A Elite do Poder*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981, 4^a ed. (orig.: 1956).

QUAINI, Massimo. *Marxismo e Geografia*. Paz e Terra, São Paulo-Rio, 1991, 2^a ed.

SWEEZY, Paul Marlor. *Teoria do Desenvolvimento Capitalista - Princípios de Economia Política Marxista*. Abril Cultural, São Paulo, 1983, col. "Os Economistas".

YERGIN, Daniel. *O Petróleo - Uma História de Ganância, Dinheiro e Poder*. São Paulo, Scritta, 2^a ed., 1994 .